

# A IDADE DO BRONZE NA MARGEM SUL DO BAIXO DOURO SÍTIOS E PISTAS DE INVESTIGAÇÃO

**António Manuel S. P. SILVA**

Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia na Universidade de Santiago de Compostela; Centro de Arqueologia de Arouca; CITCEM  
Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP)

**Gabriel R. PEREIRA**

Centro de Arqueologia de Arouca; CITCEM  
Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (UP)

**Paulo A. P. LEMOS**

Centro de Arqueologia de Arouca

**Sara ALMEIDA e SILVA**

Centro de Arqueologia de Arouca

## RESUMO

Tomando como área de observação a margem sul do Baixo Douro, apresenta-se uma síntese dos conhecimentos sobre a ocupação da Idade do Bronze, com base num levantamento de povoados, sítios de fossas, arquiteturas funerárias, depósitos metálicos e sítios de arte rupestre, sublinhando as evidências arqueológicas mais marcantes de cada um dos grupos. Assim, entre os povoados destaca-se a variabilidade das estruturas de delimitação e a escassez de vestígios de atividades domésticas, sendo também diversos os dispositivos e arquiteturas funerárias. Na arte rupestre sublinha-se a quase exclusividade dos motivos esquemáticos, denunciando alguma monotonia iconográfica, enquanto a informação sobre os depósitos votivos é bastante dispersa e lacunar.

**Palavras-chave:** Baixo Douro, Idade do Bronze, Povoados, Sepulturas, Depósitos; Arte rupestre

**ABSTRACT**

Focusing as observation area the southern margin of the Lower Douro, the text aims to present a synthesis of the knowledge about the occupation of the Bronze Age, based on a survey of settlements, sites with pits, funerary architectures, metallic deposits and rock art sites, emphasizing the most outstanding archaeological evidence of each of the groups. Among the settlements stands out the variability of the delimitation structures and the scarcity of domestic activities' evidence, being also diverse the devices and funerary architectures. In the rock art the authors emphasize the almost exclusive nature of the schematic motifs, presenting some iconographic monotony, while the information about the votive deposits is quite dispersed and lacunar.

**Keywords:** Lower Douro, Bronze Age, Settlements, Graves, Deposits; Rock art

**INTRODUÇÃO**

Este ensaio rastreia numa área geográfica convencional – a margem Sul da bacia do Douro, numa extensão correspondente aos últimos 36 km do curso daquele rio – os vestígios da ocupação humana atribuíveis à Idade do Bronze, considerando quer os de natureza habitacional, quer os funerários, as expressões rituais, arte, depósitos e outras manifestações. Trata-se de uma área algo limitada para propor uma síntese regional – e por isso serão citados alguns sítios e achados exteriores à zona de estudo – mas não foi possível neste texto ampliar o escopo geográfico. Por razões práticas, optámos por não seguir um zonamento geográfico particular, circunscrevendo a análise ao território administrativo dos concelhos de V. N. Gaia, Espinho, Santa Maria da Feira, Arouca, Castelo de Paiva e Gondomar,

(freguesia da Lomba), como pode ver-se nos mapas.

No plano orográfico, a zona considerada distribui-se genericamente entre uma plataforma litoral, pontuada por elevações suaves que vão aumentando gradualmente da costa para o interior, até atingir zonas serranas, com cotas superiores aos 600 m e que ultrapassam os 1000 m. Do ponto de vista litológico a área é marcada por grandes manchas de rochas xistosas, com significativas intrusões de granitos, verificando-se especialmente na franja litoral a presença de rochas sedimentares e metamórficas, depósitos de vertente, áreas de aluvião, etc.

A investigação nesta região é comprometida por várias dificuldades. Por um lado, de natureza socioeconómica, relacionadas com o progresso da urbanização e conseqüente ameaça à preservação dos vestígios arqueológicos, para

o que concorre também a florestação intensiva, em largas áreas da zona em estudo. Por outro, as que decorrem dos contextos e modelos da prática arqueológica atual, como a quase exclusividade da arqueologia de salvaguarda, a insuficiente ou deficiente publicação dos resultados e a quase total ausência de projetos de investigação devidamente sustentados (PINTO; SILVA 2010; SILVA 2010).

A expressão “Idade do Bronze” é aqui adotada num sentido convencional, uma vez que as questões cronológicas não são particularmente encaradas, englobando-se assim neste intervalo todo o 2º milénio a.C. e o 1º milénio até aos séculos VIII-VII a.C. Neste sentido procedeu-se a uma leitura crítica de referências bibliográficas, cruzada com o conhecimento do terreno, para ensaiar um brevíssimo roteiro analítico da informação disponível que permita lançar pistas de discussão e trabalho futuro.

## POVOAMENTO

O inventário dos sítios com vestígios da Idade do Bronze (que designaremos como “povoados”) está ainda em construção e apresenta informações desequilibradas em função dos dados disponíveis (Mapa 1; Tabela 1). Nesta lista distinguimos os sítios com ocupação “expressiva” (ou seja, estruturas, espólio ou depósitos homogéneos) e com evidência meramente “vestigial” ou mal documentada, à qual normalmente estão associados vestígios mate-

riais dispersos. Entre os 11 povoados recenseados, seis foram objeto de escavação, mas apenas dois confirmaram por enquanto uma ocupação expressiva da Idade do Bronze, a Cividade e o Senhor dos Aflitos (Arouca), a que pode juntar-se, já fora da área de estudo o Monte Calvo, em Oliveira de Azeméis<sup>1</sup>.

Merece destaque o sítio da Cividade. O povoado foi implantado numa elevação a 357 metros de altitude, sobranceira a zonas de vale, especialmente a sudeste, dominando a entrada no vale de Arouca. Foram realizados trabalhos arqueológicos entre 2003 e 2006 com a escavação de 132 m<sup>2</sup>, o que possibilitou a identificação de um interessante conjunto de estruturas dos finais da Idade do Bronze (SILVA 2004:250-1; SILVA; LEITE 2010). Em sondagens feitas ao longo do talude, foram identificados vestígios de um muro, em estado desigual de preservação, aberto na rocha de base e que delimitava o coroamento deste acidente geográfico. A estrutura pétreia não deveria exceder originalmente os dois metros de altura, o que associado ao carácter elementar da construção levou os autores a designá-la como “Estrutura de Delimitação Perimetral” (EDP), privilegiando a diversidade de funções e significados e não uma natureza eminentemente defensiva. Na face interna deste alin-

<sup>1</sup> Sítio onde foram feitas sondagens recentes sob direção de João T. Tavares (Município de Oliveira de Azeméis) e Adriaan de Man (United Arab Emirates University). Agradecemos aos responsáveis o uso de algumas informações.

hamento foi encontrada uma estrutura incomum, composta por blocos de pedra de tamanho médio, formando uma pequena caixa de formato ovalado que os autores sugerem tratar-se de uma espécie de cista, eventualmente relacionada com uma deposição fundacional, o que todavia não pôde ser confirmado, pois não foram recolhidos materiais arqueológicos associados (SILVA; LEITE 2010:157). Apesar da significativa área escavada, não se conhecem na Cividade vestígios que possam ser interpretados como espaços domésticos – lareiras, buracos de poste ou fundos de cabana. O único elemento pétreo que poderá inserir-se neste contexto corresponde a um alinhamento curvilíneo observado no exterior da EDP, na vertente Oeste, interpretado como uma construção muito elementar de tipo paravento (*Idem*, 2010:156-7).

O sítio do Senhor dos Aflitos figura no nosso inventário com vestígios *expressivos* apenas pelo facto da cerâmica exumada na pequena sondagem ali feita em 2007, a par da que já se conhecia de achados de superfície, apontar para uma ocupação exclusiva da Idade do Bronze, sem que todavia se tenham identificado estruturas, à exceção dos restos de uma ou mais linhas de muros de delimitação, cada vez menos visíveis à medida que avança a florestação e outras ações antrópicas modernas (SILVA 2004:248-9; SILVA; LEMOS, neste volume).

Os locais identificados na Tabela 1 como apresentando sinais de ocupação *vestigial* da Idade do Bronze correspondem a sítios que ainda não tiveram es-

cavações arqueológicas, ou a povoados com ocupação predominante da Idade do Ferro e época romana onde os indícios de uma fundação anterior são ainda escassos, como sucede nos castros de Valinhas, Romariz e Fiães, ou o Castelo de Gaia, o que pode resultar do acaso da implantação das áreas escavadas como também da eventual destruição desses níveis arqueológicos em resultado da ocupação subsequente. Entre as estações mais atípicas ou descobertas recentemente justificam nota o Coteiro, nos limites de Grijó e Nogueira da Regedoura, onde foram identificados materiais cerâmicos aparentemente homogéneos (SILVA 2007: Ficha 100) e outro local naquela freguesia gaiense identificado em 2017 no acompanhamento arqueológico de obras no agrupamento escolar, onde foram recolhidos materiais cerâmicos enquadráveis na Idade do Bronze<sup>2</sup>.

Por fim, como expressão de um núcleo de ocupação litoral e porventura aberto deve recordar-se outro sítio gaiense, que parece desenvolver-se entre as proximidades da estação paleolítica da praia da Aguda (MONTEIRO-RODRIGUES; GONZALEZ 2010) e a praia da Granja, sinalizado há cerca de uma década em resultado de episódios de erosão costeira que expuseram depósitos usualmente cobertos, deixando à vista estruturas com materiais orgânicos (talvez lareiras ou buracos de poste), abundantes frag-

<sup>2</sup> Trabalhos realizados por um dos autores (GRP), ainda inéditos.

mentos cerâmicos e alguns materiais líticos (SILVA 2007:Ficha 13; SILVA; PEREIRA 2010:194; BETTENCOURT, RODRIGUES; SANCHES 2015), não podendo conhecer-se melhor este contexto sem uma sondagem arqueológica.

## SÍTIOS DE FOSSAS

Encontram-se inventariados dois sítios de fossas na área em análise, que por razões meramente práticas associámos aos povoados na Tabela e Quadro 1. Ambos tiveram escavações arqueológicas em contexto preventivo ou de emergência. A Fontela de Figueirido, Castelo de Paiva, foi escavada em finais da década de 1980, após obras de terraplenagem terem posto a descoberto um conjunto de elementos arqueológicos (CUNHA 1991). O local dos achados é fronteiro ao Monte Crasto, um povoado da Idade do Ferro. Nos trabalhos identificaram-se seis fossas escavadas no saibro. Algumas delas eram estéreis, mas noutras foi possível recolher cerâmicas, sobretudo lisas mas também com decoração plástica e espatulada, assim como utensílios líticos (um objeto polido e uma lâmina retocada, provenientes da mesma fossa). Na fossa 1 foi exumado um vaso troncocónico, de fundo plano, decorado com seis aplicações mamilares, além de outros fragmentos de cerâmica grosseira. Embora a responsável pela escavação tenha assumido a dificuldade da sua interpretação, dada a pouca área escavada,

considerou o local como um povoado e as fossas como silos de armazenagem (CUNHA 1991).

Sítio porventura congénere apareceu mais recentemente no Penouço, V. N. Gaia, mas aí, afortunadamente, as descobertas tiveram lugar em consequência de sondagens preventivas para a construção de uma moradia, já que o local é muito próximo do castro da Madalena. É um terreno de meia encosta voltado à ribeira da Madalena, onde foram localizadas estruturas negativas compostas por fossas de planta circular e fossos ou valas escavados no substrato geológico, de onde se recolheu cerâmica manual e alguns objetos em pedra talhada (GOMES 2007), aguardando-se ainda o estudo definitivo do sítio para uma apreciação cronológico-cultural mais fundamentada.

## ARQUITETURAS FUNERÁRIAS

As construções relacionadas com o mundo dos mortos caracterizam-se, ao longo do período em estudo, pela diversidade arquitetónica e simbólica, no que toca a ritos e a oferendas associadas, como tem sido assinalado (BETTENCOURT 2010; 2011) e confirmamos no nosso levantamento (Mapa e Tabela 2). Recensámos essencialmente os sítios funerários cuja escavação evidenciou uma utilização atribuível à Idade do Bronze ou, entre os não escavados, aqueles aos quais a mesma cronologia foi proposta em inventários ou estudos regionais. Neste sentido, será sempre

uma listagem discutível e lacunar, mas servir-nos-á, minimizando os aspetos de pormenor, para uma aproximação aos ritos funerários e suas expressões materiais na região considerada.

A generalidade das arquiteturas –com a exceção que assinalaremos– respeita a sepulturas sob *tumuli*, pelo que utilizámos como um dos indicadores o diâmetro do montículo, para além naturalmente do tipo de contentor funerário. Nesta linha, observa-se uma hierarquia tumular, que vai desde os grandes dólmenes neo-calcolíticos com mamoa ordinariamente superiores a 20 metros de diâmetro, passando por monumentos progressivamente de menor diâmetro e altura até aos *tumuli* não megalíticos, de dimensões modestas, para acabar em mamoa minúsculas, quase imperceptíveis, que serviriam mais para assinalar a sepultura numa envolvente muito curta que para a destacar na paisagem<sup>3</sup>, parecendo também evoluir em sentido análogo, desde meados do 2º milénio a.C. até pelo menos aos alvares do Ferro, o rito de enterramento coletivo para a sepultura alargada ou já individual, como tem sido sustentado.

Assim, destacamos em primeiro lugar as reutilizações ou violações de monumentos megalíticos, nomeada-

mente pela construção de “cistas”, com ou sem deposição de oferendas, como por outras modalidades. São os casos da Mamoa 4 do Arreçaiço ou a Mamoa 2 da Aliviada, em Arouca. Na primeira, um *tumulus* submegalítico de arquitetura algo atípica (SILVA 2004:189) observou-se a construção de uma pequena cista no topo da câmara original, onde foi depositado um vaso cerâmico coberto por uma mó manual (PEREIRA DA SILVA 1994:26; 1999b:184); na segunda, uma grande mamoa que albergava uma câmara megalítica aparentemente poligonal, observaram-se duas estruturas periféricas: uma grande cista megalítica fechada e inviolada inserida na parte média do *cairn* tumular, e o que F. A. Pereira da Silva designou como sepultura tipo “cinzeiro”, uma deposição no topo da couraça assinalada por uma pequena laje colocada na vertical e um pequeno amontoado de pedras sobre um conjunto de cinzas e algum espólio votivo (PEREIRA DA SILVA 1987). Na grande mamoa serrana da Portela da Anta 1, uma sepultura-santuário de grande diacronia e complexidade arquitetónica, registou-se situação diferente: a sucessiva reutilização do espaço funerário (até à época romana) manifestou-se na Idade do Bronze por enterramentos ou

<sup>3</sup> Na região entre os rios Douro e Vouga a evolução arquitetónica das sepulturas pré-históricas foi particularmente estudada por Fernando A. Pereira da Silva (1953-2010), responsável pela escavação de dezenas de monumentos nos concelhos de Arouca, Vale de Cambra, Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azeméis, Águeda e outros. O seu desaparecimento prematuro deixou inédito um volume da tese de doutoramento que preparava na Universidade do Porto – *Megalitismo a Sul do Douro: Bacias do Vouga e Alto Paiva. Práticas funerárias no Centro-Norte Litoral de Portugal durante*

*a Pré-história Recente* – arquivada com o seu espólio científico no Centro de Arqueologia de Arouca. Como as suas interpretações regionais (1994; 1997a; 1997b; 1999a; 1999b; 2004) não foram acompanhadas da publicação monográfica de alguns dos sítios que escavou, usámos por vezes uma síntese divulgativa (SILVA 2004) que teve como fonte primordial a tese e informações pessoais daquele arqueólogo.

incinerações na zona do corredor do dólmen, documentados por cerâmicas e uma *sovela* ou *furador* em cobre, sugerindo contextos culturais, aferidos por uma datação radiocarbónica, da segunda metade do 2º milénio a.C. (SILVA 1996, 1997b; 2004).

Acompanhando o esquema tipológico-evolutivo que F. A. Pereira da Silva propôs (1994; 1997a; 1997b; 1999a; 1999b; 2004), cuja validade não foi contestada, após as sepulturas megalíticas de câmara simples ou de corredor (do 5º ao 3º milénios a.C.), terão surgido os monumentos que o autor designou como “sub-megalíticos”, denunciando maior polimorfismo e tendência para redução volumétrica nos contentores sepulcrais (de cronologia no geral mais recente mas podendo ainda coexistir com a construção de monumentos dos primeiros tipos), para se encerrar a série, ao longo do 2º milénio, com as médias ou pequenas sepulturas de tradição megalítica. Estes *tumuli* não megalíticos foram feitos em pedra ou terra, resultando num montículo de pequena a média dimensão e planta tendencialmente circular, usualmente revestido por uma couraça lítica onde muitas vezes os blocos de quartzo, em associação com os de granito e outras rochas locais, parecem intencionalmente usados para tornar as mamoas mais perceptíveis na paisagem (BETTENCOURT 2010:145; CRUZ 1998:162; CRUZ; GOMES; CARVALHO 1998:45; VILAÇA; CRUZ 1999:86). O espaço deposicional coberto pelos *tumuli* da nossa região é constituído na maior parte dos casos por cistas

ou fossas, situação análoga, descontando singularidades regionais, ao que se observa na Beira Alta (CRUZ 1998; VILAÇA; CRUZ 1999), parecendo ser maior a diversidade no Norte do País (BETTENCOURT 2010; 2011).

Neste conjunto de soluções arquitetónicas insere-se a maioria dos locais identificados em trabalhos de prospeção arqueológica, sendo as formações subliminares no que toca à cronologia e à tipologia das estruturas que encerram. Assim, apenas serão abordados os monumentos sob *tumuli* de média e pequena dimensão que foram objeto de trabalhos de escavação arqueológica, nomeadamente o *tumulus* com cista megalítica do Senhor dos Aflitos, os monumentos 1 e 2 de Monte Calvo, 1 do Cando, todos em Arouca, e a necrópole das Laceiras do Covo, repartida entre este concelho e o vizinho de Vale de Cambra.

O monumento do Senhor dos Aflitos é uma sepultura aparentemente isolada, a média altitude do Monte do Senhor dos Aflitos, sobranceiro ao vale agrícola de Alvarenga. De configuração sub-elíptica e definido por um anel lítico de contenção periférica de diâmetro inferior a dez metros, este monumento apresentava uma altura variável entre 1,00 a 1,50 metros, sendo o montículo artificial composto por elementos de granito, quartzo e xisto, o que provavelmente aumentaria a visibilidade do monumento desde pontos distantes, traduzindo uma “intencional seleção de elementos naturais num quadro simbólico de práticas e ritos fúnebres”

(PEREIRA 2014:12). Na área central encontrou-se uma câmara sepulcral em cista, de planta subretangular, orientada no eixo maior no sentido ES-SE-WNW, composta por oito esteios, cinco dos quais *in situ*. Esta câmara de grandes dimensões (2,30 m de comprimento; 1,00 de largura e 0,70 de altura) tinha na base uma laje de granito de contorno descrito como “entre o antropomórfico e o fálico” (*Idem*, 9), equiparando-se de certa forma a uma estela-menir. No espólio destaca-se a cerâmica com 31 fragmentos, dois dos quais decorados com aplicações plásticas (mamilos), identificando-se um vaso troncocónico e uma taça carenada, forma que sustenta, a par de outros elementos, a possibilidade do monumento ter sido reutilizado entre o Bronze Médio e Final (*Idem*, 13).

Neste quadro arquitetónico poderá ainda enquadrar-se a mamoa 1 da Gestosa, em Gaia. A escavação permitiu caracterizá-la como um monumento provido de um *tumulus* composto essencialmente por grandes blocos de quartzo, com cerca de um metro de altura. O espólio, escasso, incluía cerâmica e uma lâmina em sílex. Infelizmente, a área central achava-se perturbada, permitindo apenas equacionar a hipótese de ter contido uma cista (JORGE 1984), opinião também defendida por F. Pereira da Silva (1999b:179).

Em contexto mais claro de necrópole refira-se o conjunto composto pelos monumentos sob *tumuli* do Monte Calvo/Laceiras, nos limites entre Arouca e Vale de Cambra. Trata-se

de um conjunto composto por várias mamoas, três das quais foram intervenções por F. A. Pereira da Silva (1997b; cfr. SILVA 2004:74-5, 83), tendo a necrópole sido alvo de recente e cuidada revisão científica (SÁ 2014a; 2014b; 2014c), incluindo a escavação de uma das sepulturas, Laceiras do Covo 3 (SÁ 2014a: 91-106; SÁ; BETTENCOURT; SIMÕES 2014).

Monte Calvo 1 é um *tumulus*, de dimensão modesta, com nove metros de diâmetro por 0,50 metros de altura, constituído por uma massa pétreia de granitos e quartzos. Na sua área central ocorreram vestígios, pouco claros, do que teria sido uma sepultura em cista, de planta eventualmente retangular. A par destes elementos foram recolhidos cerca de três dezenas de fragmentos cerâmicos e um nódulo biotítico ou “pedra parideira”, encontrado nas terras provenientes da massa tumular. É também notório o aparecimento de uma laje gravada, fincada na vertical sobre o *tumulus*, contendo dois pedomorfos, que representarão uma pegada de um mamífero da família dos ungulados (PEREIRA DA SILVA 1997b: 616-7; SÁ 2014a: 48-61; 2014b).

A mamoa 2 de Monte Calvo consiste, à semelhança da anterior, num monumento provido de *tumulus*, com 12 metros de diâmetro e 0,50 metros de altura, constituído por blocos de granito, quartzo e xisto. Os trabalhos realizados colocaram a descoberto uma estrutura de tipo “fossa” que havia sido coberta por um monólito granítico, e permitiram a recolha de pequenos frag-

mentos cerâmicos, dos quais se destaca um fragmento de taça carenada, a par de um nódulo biotítico e de um seixo quartzítico provenientes do interior da coroa circular (PEREIRA DA SILVA 1997b: 615; SÁ 2014a: 62-74; 2014b).

Contíguas às mamoas de Monte Calvo situam-se as de Laceiras do Covo (PEREIRA DA SILVA 1997b; SILVA; LEITE; ROCHA 2009; SÁ 2014a; 2014b; 2014c; SÁ; BETTENCOURT; SIMÕES 2014). Trata-se de um núcleo de cinco monumentos sob *tumuli*, de diâmetros inferiores a sete metros e alturas de 0,40-0,50 metros. Deste conjunto destacam-se os monumentos intervencionados, nomeadamente Laceiras do Covo 2, escavado por F. A. Pereira da Silva, composto por um anel periférico, construído com lajes em xisto e que definia um *tumulus* muito baixo com 3,80 metros de diâmetro e 0,40 metros de altura. A área central encontrava-se bastante destruída, mas seria constituída por uma cista, de planta subquadrangular, formada também por lajes de xisto, tendo-se identificado a possível tampa. Da escavação não resultou qualquer espólio (PEREIRA DA SILVA 1997b; SÁ 2014:80-90). O monumento 3 de Laceiras do Covo, alvo de escavação mais recente, é uma pequena mamoa de contorno circular, com 3,74 metros de diâmetro máximo e 0,40 metros de altura. A couraça integrava quartzos, tendo-se detetado dois anéis periféricos em xisto. Albergaria também uma sepultura em cista, de plano retangular, contrafortada com pedras de quartzo,

hipótese defendida pela localização de uma laje de micaxisto na área central, que teria sido um eventual esteio do monumento (SÁ 2014a:91-106; SÁ; BETTENCOURT; SIMÕES 2014).

Caraterísticas análogas tem a necrópole do Cando, também em Arouca (SILVA; LEITE; ROCHA 2009). Trata-se de um pequeno núcleo de três monumentos de que apenas se escavou a mamoa 1. Os trabalhos permitiram a identificação de um monumento de dimensão reduzida, com seis metros de diâmetro e altura de 0,40 metros, composto por *tumulus* em blocos de granito, quartzo e lajes de xistos. Na área central foi identificada uma possível estrutura cistóide, no interior da qual se observou uma pequena sepultura em fossa de pouca profundidade (PEREIRA DA SILVA 1997b).

Além destas expressões arquitetónicas, filiadas numa longa tradição, surgem na Idade do Bronze novos contextos relacionados com o culto aos mortos, ampliando-se o polimorfismo arquitetónico e a diversidade ritual, muito em especial na zona norte do País (BETTENCOURT 1997; 2010; 2011). Entre os novos usos funerários encontra-se o que A. Bettencourt designa como “sepulturas simples”, enteramentos planos em covacho mais ou menos regular e estruturado que são, pelo menos na atualidade, totalmente impercetíveis na paisagem (BETTENCOURT 2010:151-2; 2011:122-3). Será certamente o caso, também recordado por aquela autora, do sítio do Alto da Vela (Gulpilhares, Gaia).

Constituindo a maior necrópole tardo-romana escavada no Entre Douro e Vouga, no já longínquo ano de 1908, revelou um conjunto de 98 sepulturas e um espólio de 181 vasos e outros objetos (FORTES 1908; 1909; LOBATO 1995). Retomada pontualmente a sua escavação em 1979, ensaiou-se a revisão das informações antigas, clarificando e adequando ao espólio conservado a primitiva interpretação do sítio. Assim, na senda do que M. Barroca já tinha indicado (1987: 43), verificou-se que o cemitério tardo-romano se sobrepôs a uma necrópole da Idade do Bronze, se bem que a circunstância da maior parte das sepulturas (83) serem simples covachos retangulares não estruturados não possibilite discernir quais as romanas e quais as anteriores (LOBATO 1995:35-6), sendo todavia possível a partir dos escritos de J. Fortes, documentar a presença de seis vasos manuais em cinco sepulturas, se bem que duas delas tenham fornecido também espólio romano, sugerindo talvez a sobreposição de contextos ou, com menos probabilidade, fenómenos de reutilização.

A par das sepulturas planas regista-se também a norte do Douro a ocorrência de tumulações em fossa, podendo equacionar-se se na Fontela de Figueirido (Castelo de Paiva), algumas das estruturas negativas identificadas não poderiam corresponder a estruturas funerárias, como alvitrou também A. Bettencourt, tendo por paralelo o sítio das Boucinhas, Ponte de Lima (2010: 153), face ao apareci-

mento de um conjunto de cinco pedras e de um vaso com decoração mamilar e vestígios de fogo no interior de uma fossa (n.º 1), de perfil ovóide e base aplanada (*Ibidem*; CUNHA 1991). O mesmo carácter funerário poderá talvez admitir-se pelo menos para algumas das fossas do Rossio, Vale de Cambra (local cartografado apenas no Mapa 3), considerando a tipologia da cerâmica e a presença de algumas pedras no fundo de uma das fossas<sup>4</sup>.

## DEPÓSITOS METÁLICOS

Pela sua presença, ainda que pontual, não quisemos deixar de reunir algumas considerações sobre os depósitos metálicos (Mapa 3; Tabela 3), notando todavia que, na generalidade, as ocorrências registadas são bastante opacas quanto às condições de achado das peças e respetivos contextos arqueológicos.

Os depósitos identificados com maior segurança ou probabilidade correspondem a conjuntos de machados, dois em Urrô, Arouca (BRANDÃO 1962) e quatro procedentes de local incerto em V. N. Gaia (MONTEAGUDO 1977; LOBATO 1992-1993). Das restantes peças, aparentemente achados isolados e de proveniência incerta, salvo o machado do castro de Fiães, pou-

<sup>4</sup> O sítio foi intervencionado em contexto de emergência após a descoberta e escavação de cinco fossas por parte de um curioso, por um dos autores (A.M.S.) em colaboração com M. Ribeiro e F. A. Pereira da Silva, encontrando-se em preparação um trabalho sobre o sítio arqueológico.

co poderá adiantar-se além da análise tipológica ou porventura metalográfica das peças.

Da zona litoral de Gaia são provenientes quatro machados de talão em bronze, de dupla argola, classificados tipologicamente por L. Monteagudo (1977: 172-9) e posteriormente analisados metalograficamente, determinando-se a composição de uma liga essencialmente ternária, com significativa adição de chumbo (LOBATO 1992-93), própria dos machados do “Bronze Final Atlântico”, como na senda de outros investigadores sugeriu a mesma autora (*Idem*, 171). Em Castelo de Pavia, na Pedra D’Era, regista-se o achado, em local impreciso, de “mais de dois” machados, de que se conservou pelo menos um de tipo plano (LOPES DA SILVA *et al* 1996: 102-3), enquanto que no concelho de Santa Maria da Feira se identificaram dois machados de talão e dupla aselha, igualmente de proveniência desconhecida e também atribuídos ao Bronze Final (CENTENO; OLIVEIRA 2008: 42).

No Castro de Fiães, igualmente na Feira, foi encontrado em 1883 um machado de alvado de dupla argola, ignorando-se as condições do achado (ALMEIDA; SANTOS 1971: 153). A peça foi recentemente estudada, determinando-se que foi feita também numa liga com elevada proporção de chumbo (BOTTAINI; GIARDINO; PATERNOSTER 2012: 28), mas não é seguro que se trate de um depósito, entendendo-se o conceito no sentido em que “um grupo de pessoas (...) ofi-

ciou determinadas ações e cerimónias que culminaram na deposição dos objetos metálicos, materializando, assim, os sentidos prévios do lugar ou adicionando novos sentidos ao lugar”, como recentemente foi definido (CRUZ *et al* 2014:157), valorizando assim, entre outros aspetos, a agência direta e responsável de um indivíduo, grupo ou comunidade num ato voluntário e intencional de deposição e ocultação (VILAÇA 2007: 26-7).

Esta situação verifica-se claramente nos achados do Campo da Falcoeira (Urrô, Arouca), de onde são provenientes um machado plano em cobre e um machado de alvado em bronze. O local possui as características canónicas para a localização de um depósito, por estar relacionado com nascentes de água, em ponto de passagem e próximo de vales agrícolas, como assinalam estudos clássicos sobre o tema (BRADLEY 1990; RUÍZ-GALVEZ 1995) podendo portanto este depósito enquadrar-se em interpretações assumidas para outros contextos, de celebração dos espíritos e propriedades das águas e da terra (CRUZ *et al.* 2014:157-8).

Registou-se ainda outro machado plano, em Canelas, também em Arouca, peça que terá aparecido na exploração de louseiras (SILVA 2004: 252), sem que haja mais informações. Pelo contrário, optámos por não considerar no inventário o achado de Cabreiros (Arouca), durante trabalhos de lavagem de minério, de uma ponta de seta em cobre (BRANDÃO 1962), não obstante a sua cronologia se enquadrar

no nosso estudo, atendendo à rara presença destas peças em depósitos como elementos isolados, sendo bem mais comuns em povoados ou mesmo em sepulturas (MELO 2000: 82).

Finalmente, ainda que exterior aos limites administrativos que convencionámos, não poderíamos deixar de referir o “achado” de Vila Cova do Perrinho (Vale de Cambra), pelo significativo número de peças e pela relevância que ganhou na historiografia. A notícia dos objetos foi dada por D. P. Brandão (1963), de forma aliás equivocada, como mais tarde se perceberia, sugerindo tratar-se de um mesmo conjunto itens provenientes de pelo menos três locais, ainda que próximos, como ultimamente se vem esclarecendo (BOTTAINI; RODRIGUES 2011a; 2011b). Do conjunto fazem parte nove peças heterogêneas, designadamente três machados de talão<sup>5</sup>; três cinzéis, sendo um de alvado; duas lâminas de punhal e uma pulseira canelada fragmentada em duas partes, a que se juntam quatro fragmentos que têm sido interpretados como restos de uma ponteira de bainha, um capacete e um colar, para além de um vaso cerâmico, entretanto extraviado (*Idem, idem*).

Como um de nós (AMS) em tempos apurou localmente e entretanto outros autores confirmaram, cinco peças serão provenientes da abertura de uma vala para a plantação de um eucalipto e um segundo conjunto terá aparecido

em local distinto, estando apenas o vaso cerâmico ligado ao contexto das fossas do Rossio (BOTTAINI; RODRIGUES 2011a: 36), mas não só o principal achador não terá reconhecido as peças (BOTTAINI; RODRIGUES 2011b: 112), como é possível que outras se tenham dispersado e extraviado. Sem que se esclareçam os contextos não é possível uma interpretação mais segura, parecendo-nos ser de rejeitar a proposta inicial de Pinho Brandão, de que o conjunto constituiria o espólio de uma sepultura (1963: 5), sendo admissível de que pelo menos uma parte das peças provenha de um depósito ritual.

## ARTE RUPESTRE

Identificaram-se nove ocorrências de arte rupestre (Mapa 4, Tabela 4) a grande maioria no concelho de Arouca<sup>6</sup>, havendo também registos em Santa Maria da Feira.

Pontualmente, as manifestações artísticas surgem associadas a povoados, como no castro de Romariz (CENTENO 2011: 12) e de forma muito vestigial, no de Valinhas, Arouca<sup>7</sup>; mas a maior parte das rochas gravadas encontram-se em zonas abertas de diferentes orografias e contextos arqueológicos. As gravuras surgem em afloramentos de xisto e em granitos, predominando os motivos esquemáticos, como *fosses-*

<sup>5</sup> Um dos quais desaparecido, se bem que entretanto se tenha localizado o possuidor.

<sup>6</sup> Duas ocorrências localizam-se no concelho de Vale de Cambra próximas ao limite da área de estudo.

<sup>7</sup> Simples *fosses* relativamente isoladas, não publicadas (inf. A.M.S.)

tes, recorrentes e por vezes exclusivas, como nas Pegadinhas da Laje, Feira (PEREIRA 2010b) ou Junqueiro 1, Arouca (SILVA; LEITE; ROCHA 2009; RODRIGUES 2014).

Pegadinhas da Laje localiza-se em duas pequenas plataformas, a meio da encosta voltada a NE do Monte da Laje, sendo notória, à micro-escala, a predominância e implantação privilegiada do Penedo 1, a meio de um anfiteatro natural voltado para nascente, com visibilidade para N-NE-E. Este penedo corresponde ao afloramento granítico principal, sendo nas pendentes mais suaves e no topo que se desenvolve um conjunto de gravuras, que preenchem a totalidade do penedo, com c. de 50 covinhas de tamanhos e forma diversificados. Aproximadamente 400m a SE desse local, foi registado um segundo penedo, parcialmente quebrado, composto por 12 *fossettes* de diferentes tamanhos, nove das quais dispostas em círculo (PEREIRA 2010b).

No conjunto da Selada, Arouca, com contexto arqueológico relacionado com uma necrópole de monumentos funerários sob *tumuli*, há pelo menos três rochas gravadas, patenteando essencialmente motivos esquemáticos, a par de gravuras históricas. Selada 1 é um largo painel de quatro por dois metros intensamente gravado, sem sobreposições, exibindo 21 covinhas, um círculo oval, numerosos cruciformes e um tabuleiro de jogo (alquerque); as *fossettes* são aliás o tema dominante, estando presentes também nas rochas 2 e 3 deste núcleo, por vezes associadas

a signos lineares simples (SILVA *et al.*, no prelo). As covinhas são também o motivo maior dos penedos insculturados do planalto da Freita, exclusivas no Junqueiro (SILVA; LEITE; ROCHA 2009; RODRIGUES 2014) mas coexistindo na Senhora da Laje com pedomorfos geminados, representando os cascos de um ovicaprino, e numa rocha de São Pedro-o-Velho com um motivo aparentemente serpentiniforme (SILVA; LEITE; ROCHA 2009).

Por fim, na vertente norte do maciço da Gralheira, em Janarde, Arouca, localiza-se a importante rocha gravada da Fraga da Ferradura, um afloramento de xisto com insculturas em três painéis escalonados (FIGUEIREDO; FIGUEIREDO 2006; 2008). A par de signos modernos, como cruciformes, alfabetiformes ou mesmo representações de instrumentos como um martelo e um pico, vêem-se covinhas, círculos com e sem covinhas centrais, motivos em ferradura e outra iconografia indubitavelmente pré-histórica, como reticulados, talvez um antropomorfo em *fi* e uma outra figura antropomórfica que aparenta usar toucado, evidenciando-se no penedo, quer a coexistência de técnicas (gravura por abrasão e incisão filiforme), quer sobreposições e porventura reapropriações simbólicas, documentando a ritualização daquela paleta natural ao longo de um tempo muito extenso (FIGUEIREDO; FIGUEIREDO 2006; 2008; SILVA *et al.*, no prelo).

A par das insculturas rupestres merece breve nota uma peça singular

conhecida como estela de Cando, encontrada nesta aldeia da serra da Freita. Trata-se de um bloco de xisto de 0,83 x 0,66 metros onde surgem, para além de gravuras modernas, figuras compostas e segmentadas, podendo identificar-se vários antropomorfos, um com toucado, um com escudo e ainda outro com cavalo selado e lança, entre vários motivos (SILVA; LEITE; ROCHA 2009; SILVA *et al.*, no prelo). No plano das representações sobre blocos isentos merecem ainda nota meramente enunciativa a pedra com a gravura de um pedomorfo que integrava a Mamoa 1 de Monte Calvo (PEREIRA DA SILVA 1997b; SÁ 2014a:57-8; 2014b:101), a pequena estela antropomórfica aparecida no *tumulus* do Braceiro após a sua destruição (SILVA 2004: 76) e o grande bloco com covinhas do castro de Valinhas (SILVA; RIBEIRO; BEITES 2005).

Desta forma, estamos perante narrativas simbólicas enquadráveis no conjunto bastante heterogéneo do que costuma designar-se como esquematismo (BAPTISTA 1986), sendo muito residuais os signos de filiação atlântica, que todavia emergem com alguma pujança em áreas interiores próximas da área que seleccionámos, como são os casos bem conhecidos de Outeiro dos Riscos I (ALVES 2003: 235ss.) e II (QUEIROGA 2001:49) e, mais recentemente, o interessante conjunto do Trebilhadouro (RODRIGUES 2011), ambos em Vale de Cambra.

## CONCLUSÃO

Desejaríamos este trabalho mais analítico das múltiplas problemáticas que o tema suscita. Limitações editoriais não o permitem, pois a simples apresentação dos sítios e achados e a bibliografia que convocam ultrapassa o espaço disponível. Não obstante, acreditando na utilidade deste brevíssimo roteiro para potenciar outros balanços, alinhavamos apenas algumas considerações, propostas para uma agenda de investigação que parece que se renova conceptualmente a um ritmo maior que aquele que marca a lenta progressão das escavações e outros trabalhos de campo, carentes de programas de pesquisa sustentados e de significativa duração e amplitude espacial.

A informação disponível acerca dos povoados é escassa. Se para a Idade do Ferro contamos com escavações extensivas de um aglomerado indígena pré-romano como o castro de Ovil, Espinho (SALVADOR; SILVA 2010), ou já de profunda influência romana como o de Romariz, Santa Maria da Feira, para não citar outros (SILVA 2005), a ocupação precedente da maior parte dos povoados da Idade do Ferro requer ainda precisão cronológica, como no caso da Cividade, e sobretudo escavações mais amplas nos sítios proto-históricos mais antigos, como parece ser o caso do Senhor dos Aflitos, restando por caracterizar outros locais de inegável potencial.

Ao *topos* historiográfico convencional de que o povoamento de altura for-

tificado tem origem no Bronze Final<sup>8</sup>, faltam na nossa região casos devidamente documentados, designadamente no que se refere ao conceito, modalidades e expressões arquitetónicas de tais “fortificações”, traduzidas muitas vezes por estruturas de delimitação de natureza incipiente e escassa eficácia defensiva. Mas a par dos muros ou taludes que assinalavam, pelo menos a nível simbólico, o espaço defeso dos aldeamentos, também a organização da sua área interna e os dispositivos domésticos são tema que a evidência arqueológica da margem meridional do Douro deixa praticamente no escuro. A falta de escavações recomenda prudência, mas a quase nula identificação de estruturas habitacionais na Cidade, a que podemos acrescentar os casos relativamente próximos do Monte Calvo<sup>9</sup> ou de São Julião, Albergaria-a-Velha (SILVA *et al.*, 2015), suscita reflexões que passam pela natureza perecível das arquiteturas mobilizadas (interpretação tradicional) mas também, porventura, pelo carácter multidimensional e não apenas ou prioritariamente residencial de pelo menos alguns dos recintos de altura que habitualmente interpretamos como povoados.

À vasta problemática dos “sítios de fossas” (VIEIRA 2015:382-7) os dados reunidos para este artigo pouco podem

acrescentar. Duas intervenções arqueológicas de emergência identificaram seis fossas em Castelo de Paiva e umas poucas mais em Vila Nova de Gaia, mas o desconhecimento da extensão desses vestígios, provavelmente muito ampla, e o resultado estratigráfico e artefactual das escavações não permitem adiantar propostas interpretativas bem fundadas. Certamente que a este propósito haverá que aguardar o estudo de achados similares feitos nas proximidades, quer imediatamente a norte do Douro, em sítios como as Areias Altas, Porto (VIEIRA 2014: 55-7), Paço, Gondomar (ALBERGARIA; PINTO 2010) ou Gatões, Matosinhos (BARBOSA; DÂMASO 2015), quer na margem esquerda, como sucede com os lugares do Perrinho, Vale de Cambra ou a Agra do Crasto (Aveiro)<sup>10</sup>.

O tema das construções funerárias possui bem maior massa documental e historiografia crítica, decorrente de cerca de duas dezenas de sepulturas escavadas na área de estudo e envolvente, permitindo retomar e atualizar os modelos interpretativos propostos por F. Pereira da Silva. Porém, a variabilidade das soluções arquitetónicas, associada à tradicional escassez de espólio votivo e de datações absolutas, condicionam sobremaneira a discussão. Mais que a diversidade dos contentores sepulcrais

<sup>8</sup> Desde há muito posto em causa, aliás (cfr. BETTENCOURT; SANCHES 1998: 31).

<sup>9</sup> O sítio foi objecto de sondagens recentes sob direcção de João T. Tavares (Município de Oliveira de Azeméis) e Adriaan de Man (United Arab Emirates University). Agradecemos aos responsáveis o uso desta informação.

<sup>10</sup> Descoberto em 2003, este sítio foi objecto de intervenções arqueológicas dirigidas por Isabel Pereira e F. A. Pereira da Silva, cujos resultados não chegaram a ser publicados, salvo algumas iniciativas de divulgação para o grande público, aguardando-se com expectativa os novos trabalhos previstos para o local.

(câmaras cistóides ou pequenas cistas individuais, fossas e outras formas de deposição), porventura fruto de interpretações locais de representações sociais de largo espectro, permanece a tradição monticular nascida no Neolítico, que levou à eleição como local corrente (?) de sepultamento na Idade do Bronze quer a reutilização das grandes mamoaas megalíticas, quer a produção de *tumuli* de volumetria mais modesta, faltando discernir em que pontos do tempo ou do espaço emergem necrópoles de sepulturas planas como a do Alto da Vela.

Dos depósitos metálicos ou das gravuras rupestres uma síntese afigura-se difícil, tão esparsos são os dados e irregulares as informações sobre os sítios e ocorrências. Ambos os fenómenos enquadram-se no mundo complexo das representações simbólicas de comunidades sobre as quais pouco sabemos para além de alguns elementos da “cultura material” móvel. Neste sentido, sem dúvida que os objetos metálicos sujeitos a deposição se integram tipologicamente, com raras exceções, nas grandes famílias artefactuais do Norte e Centro de Portugal; e os poucos contextos conhecidos (pontos de passagem, linhas de água, etc.) são igualmente típicos, mas uma melhor interpretação destes achados deveria cruzar-se com uma rede de povoamento cuja densidade e hierarquia estamos longe de detetar.

Também no que respeita à “arte rupestre” o quase absoluto predomínio de motivos esquemáticos, e entre estes

o recorrente ou quase exclusivo motivo das “cavinhas”, não facilita grande ou-sadia hermenêutica sobre aqueles atos de comunicação, mas importa pesquisar e confirmar a aparente ausência de representações de tradição atlântica na área estudada, por contraponto aos importantes e bem próximos núcleos de Vale de Cambra. Mas no geral, importa antes de mais realizar levantamentos sistemáticos, ensaiar análises de enquadramento nas paisagens culturais e tentar articular em visão integrada os diferentes “estilos” e suportes.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBERGARIA, J.; PINTO, F. S. (2010) – *Sondagens arqueológicas no sítio do Paço (Baguim do Monte, Gondomar). Relatório final – 2010*. Lisboa: Terralevis, Património, Arqueologia e Sistemas de Informação, dactilog.
- ALMEIDA, C. A. F.; SANTOS, E. (1971) – O Castro de Fiães. *Revista da Faculdade de Letras – História*. 2. Porto: 147-68
- ALMEIDA, C. A. F.; SANTOS, E. (1972) – O Castro de Fiães (II). *Revista da Faculdade de Letras – História*. 3. Porto: 207-14
- ALVES, L. B. (2003) – The Movement of Signs. Post-Glacial Rock Art in north-western Iberia. Reading. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Reading
- BAPTISTA, A. M. (1986) – Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. In J. Alarcão, J. (coord.) – *História da Arte em Portugal*. 1. Do Paleolítico à arte Visigótica. Lisboa: Alfa: 31-55

- BARBOSA, L.; DÂMASO, P. (2015) – *Relatório Final. Acompanhamento Arqueológico. Empreitada de construção da zona norte do pólo 2 (Gatões/Guifões) da Plataforma Logística de Leixões, incluindo os acessos ao porto*. Matosinhos: Arqueologia & Património. Dactilog.
- BARROCA, M. J. (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Porto: Trabalho de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dactilog.
- BETTENCOURT, A. M. (1997) – Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular: “o problema é sempre o de dar o trabalho por terminado, com o pensamento de nunca acabar coisa alguma...”. In *Actas II Congresso de Arqueologia Peninsular, Tomo 2 – Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rey Afonso Henriques: 621-32
- BETTENCOURT, A. M. (2010) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*. 67. Madrid: 139-73
- BETTENCOURT, A. M. (2011) – Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In BUENO, P.; GILMAN, A.; MORALES, C. M.; PALENCIA, F.S. (eds.) – *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria reciente, Protohistoria y Transición al mundo romano*. Madrid: CSIC: 115-39
- BETTENCOURT, A. M.; RODRIGUES, S. M.; SANCHES, M. J. (2015) – O sítio arqueológico da Idade do Bronze da Praia da Granja (NW de Portugal). In *Encontros de Maio. A faixa litoral de São Paio à Granja. Ocupação humana e processos geomorfológicos. Livro de resumos*. V. N. Gaia: Câmara Municipal, s.n.
- BETTENCOURT, A. M.; SANCHES, M. J. (1998) – Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal. In FÁBREGAS, R. (ed.) – *A Idade do Bronce en Galicia: novas perspectivas*. A Coruña: Edicions do Castro: 13-45
- BOTTAINI, C.; RODRIGUES, A. (2011a) – O conjunto de metais da Idade do Bronze de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra. Caracterização química e reavaliação dos contextos. *Oppidum*, 5. Lousada: 27-40
- BOTTAINI, C.; RODRIGUES, A. (2011b) – O conjunto de metais da Idade do Bronze de Vila Cova de Perrinho (Vale de Cambra, Portugal Central) 50 anos após a sua descoberta. *Estrat Critic*, Vol. 5 (3). Barcelona: 103-14
- BOTTAINI, C.; GIARDINO, C.; PATERNOSTER, G. (2012) – Estudo de um conjunto de machados metálicos do Norte de Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 19. Oeiras: 19-34
- BRADLEY, R. (1990) – *The Passage of Arms. An archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*. Cambridge: University Press
- BRANDÃO, D. P. (1962) – Achados soltos de cobre e bronze no concelho de Arouca. *Studium Generale*. 9 (1), Porto: 85-93
- BRANDÃO, D. P. (1963) – Achado da «época do Bronze» de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra. *Lucerna*. 3. Porto: 114-8

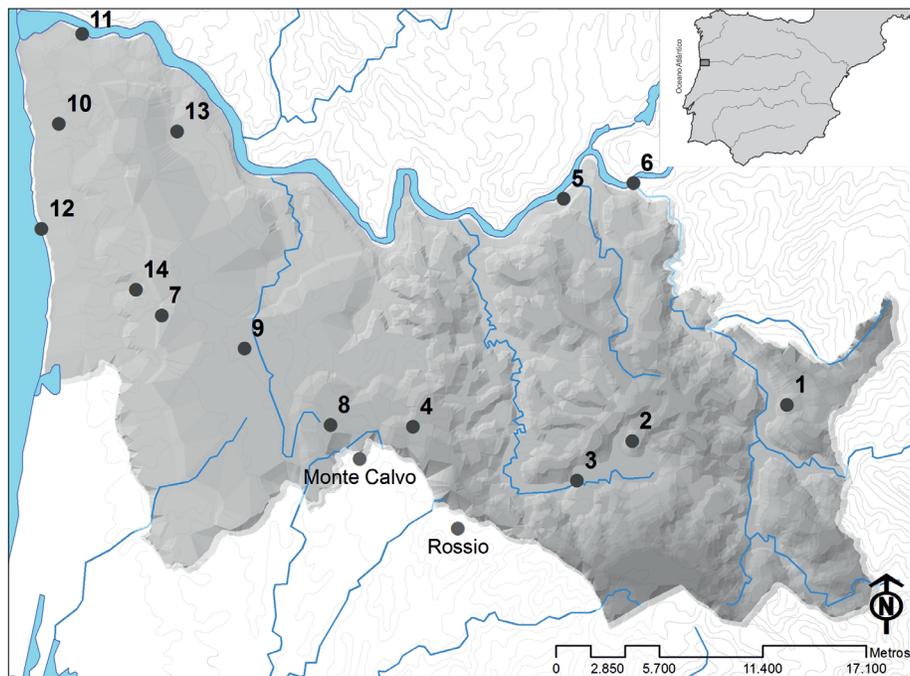
- CARVALHO, T. (2003) – As ocupações no Castelo de Gaia – problemas de arqueologia urbana. *Revista da Faculdade Letras – Ciências e Técnicas do Património*. 2. Porto: 823-41
- CENTENO, R. (2011) – *O Castro de Romariz (Aveiro, Santa Maria da Feira)*. S. M. Feira: Câmara Municipal
- CENTENO, R.; OLIVEIRA, A. (2008), coord. – *Roteiro do Museu Convento dos Lóios*. S. M. Feira: Câmara Municipal
- CRUZ, C.; BETTENCOURT, A.; COMENDADOR, B.; RODRIGUES, A. (2014) – Achados Metálicos do Vouga e do Baixo-Mondego (Centro de Portugal): contributos para a sua contextualização e interpretação. In BETTENCOURT, A.; COMENDADOR, B.; SAMPAIO, H.; SÁ, E. (eds.) – *Corpos e metais na fachada atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: CITCEM: 143-55
- CRUZ, D. J. (1998) – Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.). *Estudos Pré-Históricos*, 6. Viseu: 149-66
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F.; CARVALHO, P. S. (1998) – O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). Resultados preliminares da escavação arqueológica dos monumentos 3, 4 e 5. *Conímbriga*. 37 (1998). Coimbra: 5-76
- CUNHA, A. L. (1991) – Intervenção de emergência efectuada no lugar de Fontela de Figueirido, Sardoura, Castelo de Paiva (Relatório de 1988/89). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 31. Porto: 199-216
- FIGUEIREDO, S.; FIGUEIREDO, M. V. (2006) – Novos achados arqueológicos no Vale do Paiva: as gravuras rupestres de Telhe, Janarde (notícia preliminar). *Defesa de Arouca*, 2ª S., 2505 (10-02-2006). Arouca: 2-3
- FIGUEIREDO, S.; FIGUEIREDO, M. V. (2008) – Novos contributos para o estudo da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva. *Atas das sessões III Congresso de Arqueologia Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, 1. Freixo de Numão: ACDR: 151-67
- FORTES, J. (1908) – *A necrópole de Gulpilhares*. V. N. Gaia: Biblioteca Municipal. Texto dactilog.
- FORTES, J. (1909) – Gaya no passado. In ARROYO, António [et al] – *Mea Villa de Gaya*. Porto: 9-28
- GOMES, J. (2007) – *Trabalhos arqueológicos no Castro de Valadares, Vila Nova de Gaia. Relatório preliminar*. Porto: Arqueologia & Património. Dactilog.
- JORGE, V. O. (1984) – Escavação da Mamoa de Gestosa (Sandim, Vila Nova de Gaia). *Gaya*. 2. Vila Nova de Gaia: 19-38
- LOBATO, M. F. (1992-1993) – Machados de bronze do Museu Municipal Azuaga. Contributo para a paleometalurgia do bronze no Norte de Portugal. *Portugalica*. N. S. 13-14. Porto: 159-72
- LOBATO, Maria J. F. (1995) – A Necrópole Romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia). *Portugalica*. Nova Série. 16. Porto: 31-72
- MELO, A. A. (2000) – Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus. *Rev. Port. de Arqueologia*. 3 (1). Lisboa: 15-120

- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. [“Prähistorische Bronzefunde”. Abteilung 9 (6)]. München: C.H.Beck’sche Verlagsbuchhandlung
- MONTEIRO-RODRIGUES, S.; GONZÁLEZ, A. (2010) – A estação paleolítica da Praia da Aguda (Arcozelo, Vila Nova de Gaia). Notícia preliminar. *Estudos do Quaternário*, 6. Braga: 23-36
- PEREIRA, G. R. (2010a) – O Alto do Coiteiro Murado (Mozelos). In PINTO, F. S., coord. – *Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanço e perspectivas*. S. M. Feira: Liga dos Amigos da Feira: 113-6
- PEREIRA, G. R. (2010b) – O Complexo Pré-histórico da Laje (Pigeiros, Santa Maria da Feira). In PINTO, F. S., coord. – *Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanço e perspectivas*. S. M. Feira: Liga dos Amigos da Feira: 117-24
- PEREIRA, G. R. (2014) – A sepultura sob *tumulus* do Senhor dos Aflitos (Alvarenga/Arouca, Centro-Norte de Portugal). Primeiros resultados. *Estudos do Quaternário*, 10, Braga: 3-14
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1987) – Escavação da Mamoa 2 da Alviada (Alviada) – Escariz, Arouca – 1984. *Arqueologia*, 15. Porto: 77-91
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1989) – Escavação das mamoas 7 e 8 da Urreira, Escariz – Arouca – 1987. *Revista de Guimarães*, 99. Guimarães: 290-318
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1994) – Túmulos do Centro-Norte Litoral. Prolegómenos a uma periodização. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, Lisboa: 9-33
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1996) – O Dolmen 1 da Mamoa da Portela da Anta (Albergaria da Serra, Arouca): estudo preliminar. *Ul-Vária. Arquivo de Estudos Regionais*, III (1-2). Oliveira de Azeméis: 9-39
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1997a) – Problemática em torno do megalitismo do Centro-Norte Litoral de Portugal. In RODRÍGUEZ CASAL, A. (ed.), *O Neolítico Atlântico e as orixes do Megalitismo. Actas do Coloquio Internacional...*, Santiago de Compostela: 635-56
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1997b) – Contextos Funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação? In *Actas II Congresso de Arqueologia Peninsular, Tomo 2 – Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rey Afonso Henriques: 605-20
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1998) – Escavação da Mamoa 1 do Rossio (Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra). Estudo de um *tumulus* não megalítico do curso superior do Vigues, no contexto das tumulações sob montículo artificial da Idade do Bronze, no Centro-Norte Litoral de Portugal. *Boletim Cult. de Vale de Cambra*, 2. Vale de Cambra: 3-19
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1999a) – Neolitização e Megalitismo nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal (Mação da Galheira): afirmação e consolidação das economias agro-pastoris em ambiente de média montanha. In 2º Congrès del Neolitic a la Peninsula Ibérica. *SAGVNTVN-PLAV*, Extra-2. València: 521-30

- PEREIRA DA SILVA, F. A. (1999b) – Práticas funerárias da Pré-História Recente na região Centro-Norte Litoral. *Arqueologia e História*, 51. Lisboa: 167-95
- PEREIRA DA SILVA, F. A. (2004) – Megalitismo e tradição megalítica no concelho de Arouca: três mil anos de arquitectura funerária”, *In SILVA, A. M.(coord.) – Memórias da Terra. Património arqueológico do concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal: 44-68
- PINTO, F. S.; SILVA, A. M.(2010) – Panorama da actividade arqueológica no Entre Douro e Vouga. Salvaguarda, gestão, investigação e valorização. *In PINTO, F. S. (coord.) – Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanços e perspectivas*. S. M. Feira: Liga dos Amigos da Feira: 17-42
- QUEIROGA, F. (2001) – *Inventário Patrimonial de Vale de Cambra: I – Arqueologia*. Vale de Cambra: Câmara Municipal
- RODRIGUES, A. (2014) – Junqueiro (Serra da Freita, Portugal) Um espaço de fruição comunal desde a Pré-história. *In BETTENCOURT, A.; COMENDADOR, B.; SAMPAIO, H.; SÁ, E. (eds.) – Corpos e metais na fachada atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: CITCEM: 63-76
- RODRIGUES, A. (2011) - *Gravuras Ruprestres de Trebilhadouro. Divulgação de um novo Sítio Arqueológico*. Vale de Cambra: Câmara Municipal. Dactilog.
- RUIZ-GALVEZ PRIEGO, M., ed. (1995) – *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid: Universidad Complutense
- SÁ, E. (2014a) – *Contextos e práticas funerárias da idade do Bronze na Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal)*. Braga: Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho
- SÁ, E. (2014b) – Contextos e práticas funerárias da idade do Bronze na Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal) Túmulos, pastores e metalurgistas. *Gallaecia*, 33. Santiago de Compostela: 97-119
- SÁ, E. (2014c) – O monumento sob *tumulus* da Idade do Bronze de Laceiras do Covo 2 (Vale de Cambra, Centro-Norte de Portugal). *In BETTENCOURT, A.; COMENDADOR, B.; SAMPAIO, H.; SÁ, E. (eds.) – Corpos e metais na fachada atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: CITCEM: 29-38
- SÁ, E.; BETTENCOURT, A.; SIMÕES, P. - Arquiteturas funerárias, materiais de construção e interação com o espaço na Idade do Bronze da Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal). O caso do tumulus de Laceiras do Covo 3, Vale de Cambra. *Estudos do Quaternário*, 10. Braga: 25-33
- SALVADOR, J.; SILVA, A. M. (2010) – O Castro de Ovil (Espinho), um povoado da Idade do Ferro. *In PINTO, F. S. (coord.) – Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanços e perspectivas*. S. M. Feira: Liga dos Amigos da Feira: 53-73
- SILVA, A. M. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- SILVA, A. M., coord. (2004) – *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal

- SILVA, A. M. (2005) – Povoamento proto-histórico no Entre Douro e Vouga Litoral: a estruturação do habitat. I – Arquitectura dos castros. In *Castro, um lugar para habitar. Colóquio*. Penafiel: Museu Municipal: 167-88
- SILVA, A. M. (2007) – *Gaia. Plano Director Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico*. [V. N. Gaia]: Gaiurb, EM; Município de Vila Nova de Gaia. Em linha: [http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11\\_1.pdf](http://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf)
- SILVA, A. M. (2010) – Um passado sem fronteiras. Salvaguarda e gestão do património arqueológico na Área Metropolitana do Porto. In *Actas do Colóquio “Rocha Peixoto no Centenário da sua morte”*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal: 33-53
- SILVA, A. M.; LEITE, J. (2010) – The place of Cividade. An approach to Late Bronze/Iron Age transition in Arouca valley (NW Portugal). In BETTENCOURT, A.; SANCHES, M.; ALVES, L.; FABREGAS, R. (eds.) - *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe*. Oxford: Archeopress: 153-60
- SILVA, A. M.; LEITE, J.; LEMOS, P.; FIGUEIREDO, M. (no prelo) – Rock Art Places and Contexts at Gralheira Massif (Central NW Portugal): a general overview. In BETTENCOURT, A.; SANTOS-ESTEVEZ, M.; CARDOSO, D.; SAMPAIO, H. – *Recorded places, experienced places. The holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west*. Oxford: Archeopress
- SILVA, A. M.; LEITE, J.; ROCHA, D. (2009) – Do espaço vivido ao espaço imaginado. Aproximações interdisciplinares à antropização dos planaltos da Freita (Arouca) do 3º ao 1º milénios a.C.. In BETTENCOURT, A.; ALVES, L. (eds.) - *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. S.l.: CICTEM: 95-130
- SILVA, A. M.; PEREIRA, G. R. (2010) – Povoamento proto-histórico na fachada atlântica do Entre Douro e Vouga. Paleoambientes e dinâmica cultural. In BETTENCOURT, A.; ALVES, M.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. (eds.) – *Variações paleoambientais e evolução antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*. S.l.: APEQ/CICTEM: 189-203
- SILVA, A. M.; PEREIRA, G. R.; LEMOS, P.; ALMEIDA e SILVA, S. (2015) – Escavações arqueológicas em São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha). Campanhas de 2014-2015. *Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*. 2. Albergaria-a-Velha: Câmara Municipal: 59-91
- SILVA, A. M.; RIBEIRO, M.; BEITES, A. (2005) – *Escavações Arqueológicas no Castro de Valinhas (...). Relatório dos Trabalhos de 2004 (...)*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca. Dactilog.
- SILVA, A. C. F. (1984) – Aspectos da Proto-História e Romanização no Concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento. *Gaya*. 2. Vila Nova de Gaia: 39-58

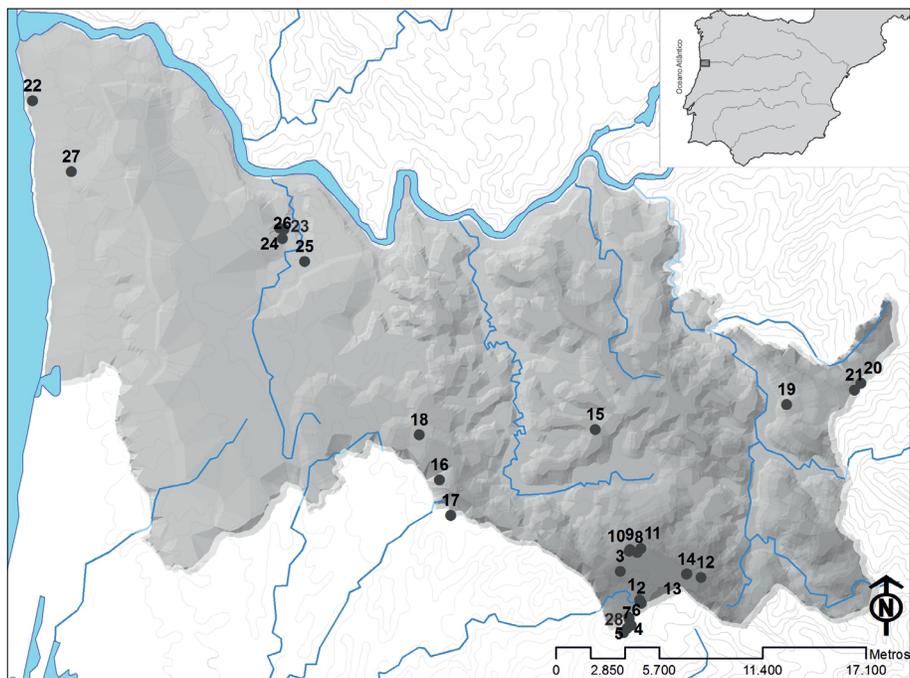
- SILVA, E. (2005) – Escavação de uma mamoa no Cerro. In QUEIROZ, F., coord. – *Santa Maria Madalena de Fermucia (Madalena – Vila Nova de Gaia): história, sociedade e território*. Madalena: Junta de Freguesia: 42-8
- SILVA, E.; ROCHA, M.; LOUREIRO, O.; MONTEIRO, C. (1996) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Paiva*. Porto: Universidade Portucalense
- VIEIRA, A. (2014) – Alguns dados para o estudo da Idade do Bronze do Norte de Portugal. In *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar: 52-101
- VIEIRA, A. (2015) – *Contributo para o estudo dos vestígios arqueológicos - do VI ao I milénio a.C. Paisagens e memórias na bacia hidrográfica do Douro*. Porto. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- VILAÇA, R. (2007) – *Depósitos de bronze do território português: um debate em aberto*. Coimbra: Faculdade de Letras
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. (1999) – Práticas funerárias e culturais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta. *Arqueologia*. 24. Porto: 73-99



Nº	Sítio	Concelho	Tipo	Ocupação	Referências (*)
1	Senhor dos Aflitos	Arouca	Povoado	Expressiva	SILVA; LEMOS, no prelo
2	Castro de Valinhas	Arouca	Povoado	Vestigial	SILVA 2004: 238-46
3	Cividade	Arouca	Povoado	Expressiva	SILVA; LEITE 2010
4	Coruto	Arouca	Povoado	Vestigial	SILVA 1994: 48
5	Fontela de Figueirido	Castelo de Paiva	Sítio de fossas	Expressiva	CUNHA 1991
6	ilha do Castelo	Castelo de Paiva	Indeterminado	Vestigial	Inf. pessoal A. M. Lima
7	Coteiro do Murado	S. M. Feira	Povoado	Vestigial	PEREIRA 2010a
8	Castro de Romariz	S. M. Feira	Povoado	Vestigial	CENTENO 2011
9	Castro de Fiães	S. M. Feira	Povoado	Vestigial	ALMEIDA; SANTOS 1971; 1972
10	Penouços	V. N. Gaia	Sítio de fossas	Expressiva	GOMES 2007
11	Castelo de Gaia	V. N. Gaia	Povoado	Vestigial	SILVA 1984; CARVALHO 2003
12	Aguda/Granja	V. N. Gaia	Povoado	Expressiva	BETTENCOURT; RODRIGUES; SANCHES 2015
13	Balteiro	V. N. Gaia	Povoado	Vestigial	SILVA 2007: Ficha 31
14	Coteiro	V. N. Gaia/S. M. Feira	Povoado	Expressiva	SILVA 2007: Ficha 100

(\*) Por contensão de espaço, a bibliografia de cada sítio foi limitada às referências principais ou de síntese

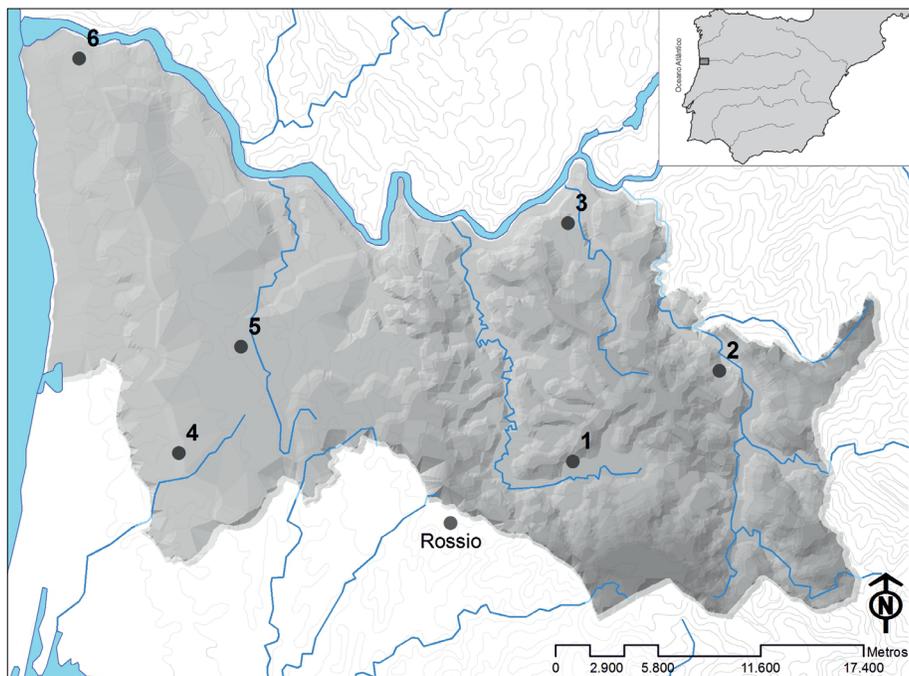
**Tabela 1.** – Povoados e sítios de fossas.



Nº	Sítio	Concelho	Diâm. tumulus (m)	Estrutura sepulcral	Referências (*)
1	Portela da Anta 1	Arouca	35 m	Dólmen; reutilizações	PEREIRA DA SILVA 1996b; 2004
2	Portela da Anta 2	Arouca	6 m	Indeterminada	SILVA 2004: 73
3	Braceiro	Arouca	4m	Indeterminada	SILVA 2004: 76
4	Monte Calvo 1	Arouca	8 a 9 m	Cista	SÁ 2014a
5	Monte Calvo 2	Arouca	12 m	Fossa	SÁ 2014a
6	Laceiras do Côvo 1	Arouca/V. Cambra	9 m	Cista	SILVA 2004: 82
7	Laceiras do Côvo 2	Arouca/V. Cambra	3,80 m	Cista	SÁ 2014c
8	Detrelo 2	Arouca	7 m	Indeterminada	SILVA 2004: 77
9	Detrelo 3	Arouca	7 m	Indeterminada	SILVA 2004: 77
10	Detrelo 4	Arouca	6 m	Indeterminada	SILVA 2004: 78
11	Detrelo 5	Arouca	14 m	Indeterminada	SILVA; LEITE; ROCHA 2009
12	Cando 1	Arouca	6 m	Fossa	PEREIRA DA SILVA 1997
13	Cando 2	Arouca	8 m	Indeterminada	SILVA; LEITE; ROCHA 2009
14	Cando 3	Arouca	11 m	Indeterminada	SILVA; LEITE; ROCHA 2009
15	Arreção 4	Arouca	12 m	Cista	SILVA 2004: 189
16	Alviada 2	Arouca	25m	Dólmen; outras estruturas	PEREIRA DA SILVA 1987
17	Rossio 1	Arouca/V. Cambra	7 m	Fossa	PEREIRA DA SILVA 1998
18	Urreira 8	Arouca	4 m	Cista	PEREIRA DA SILVA 1989
19	Senhor dos Aflitos	Arouca	10 m	Cista	PEREIRA 2014
20	Fojo 2	Arouca	10 m	Cista ?	SILVA 2004: 155
21	Córregos 2	Arouca	9-10 m	Indeterminada	SILVA 2004: 152
22	Cerro	V. N. Gaia	22 m	Indeterminada	SILVA, E. 2005
23	Gestosa 1	V. N. Gaia	12 m	Cista	JORGE 1984
24	Gestosa 2	V. N. Gaia	4,5m	Indeterminada	SILVA 2007: Ficha 28
25	Gougeva	V. N. Gaia	6m	Indeterminada	SILVA 2007: Ficha 6
26	Monte da Mamoa	V. N. Gaia	4m	Indeterminada	SILVA 2007: Ficha 33
27	Alto da Vela I	V. N. Gaia		Sepulturas planas	FORTES 1908; LOBATO 1995
28	Laceiras do Côvo 3	V. Cambra	3,70 m	Cista	SÁ; BETTENCOURT; SIMÕES 2014

(\*) Por contenção de espaço, a bibliografia de cada sítio foi limitada às referências principais ou de síntese

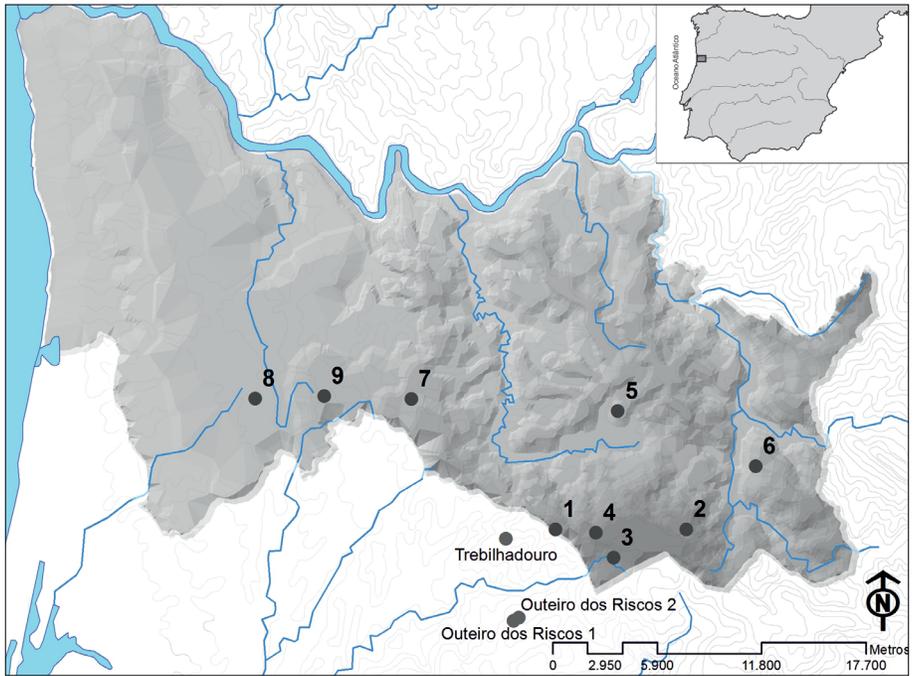
Tabela 2. – Arquiteturas funerárias.



Nº	Sítio	Concelho	Tipo	Caraterização/Notas	Referências (*)
1	Urró	Arouca	Depósito	Machado plano e machado de alvado	BRANDÃO 1962
2	Canelas	Arouca	Depósito (?)	Machado plano	SILVA 2004: 252
3	Pedra D'Era	Castelo de Paiva	Indeterminado	Machado de bronze (talvez mais que um)	SILVA et al. 1996: 102-3
4	S. M. Feira	S. M. Feira	Indeterminado	2 machados de talão	CENTENO; OLIVEIRA 2008: 42
5	Fiães	S. M. Feira	Indeterminado	Machado de alvado	ALMEIDA; SANTOS 1971: 153-4
6	V. N. Gaia	V. N. Gaia	Depósito	4 machados de talão	LOBATO 1992-1993

(\*) Por contenção de espaço, a bibliografia de cada sítio foi limitada às referências principais ou de síntese

**Tabela 3.** – Depósitos e outras ocorrências metálicas.



Nº Sítio	Concelho	Tipo	Caraterização/Notas	Referências (*)
1 Senhora da Laje	Arouca	Rochedo gravado	Fossettes e pedomorfos de ovicaprinos	SILVA; LEITE; ROCHA 2009
2 Cando	Arouca	Bloco isento (estela)	Motivos esquemáticos, antropomorfos, etc.	SILVA <i>et al.</i> no prelo
3 Junheiro 1	Arouca	Rochedo gravado	Fossettes	SILVA; LEITE; ROCHA 2009; RODRIGUES 2014
4 São Pedro-o-Velho	Arouca	Rochedo gravado	Gravura de serpentina (?)	SILVA; LEITE; ROCHA 2009
5 São João de Valinhas	Arouca	Bloco isento (estela)	Fossettes	SILVA; RIBEIRO; BEITES 2005: 25
6 Fraga da Ferradura	Arouca	Rochedo gravado	Motivos esquemáticos, antropomorfos, etc.	FIGUEIREDO; FIGUEIREDO 2006; 2008
7 Selada	Arouca	Rochedos gravados	Fossettes, cruciformes e outros motivos	SILVA <i>et al.</i> no prelo
8 Castro de Romariz	S. M. Feira	Rochedo gravado	Fossettes	CENTENO 2011: 12
9 Pegadinhas da Laje	S. M. Feira	Rochedo gravado	Fossettes	PEREIRA 2010b

(\*) Por contenção de espaço, a bibliografia de cada sítio foi limitada às referências principais ou de síntese

**Tabela 4.** – Arte rupestre.